

Nota da MMM contra o vagão rosa: pelo direito ao espaço público e a uma vida livre de violência

A Marcha Mundial das Mulheres vem a público expressar seu repúdio e exigir o veto ao Projeto de Lei 175/2013, que prevê a criação de vagões exclusivos para uso feminino no estado de São Paulo. Entendemos que esse projeto significa um retrocesso na luta histórica travada pelas mulheres para ocupação do espaço público.

Ao instituir vagões que separaram homens e mulheres no transporte público, o projeto acaba por afirmar que, para que os homens parem de assediar as mulheres, é preciso mantê-las longe deles - restringindo o nosso espaço aos vagões rosa. Essa proposta acaba por afirmar, portanto, que a única maneira de se evitar a violência é a segregação, pois os homens seriam, naturalmente, agressores, não havendo o que fazer senão separá-los das mulheres.

Essa é uma lógica perigosa. Ao criar um espaço separado para as mulheres, evidencia-se a quem pertence o espaço público: aos homens. As mulheres que por ventura entrarem num vagão "normal" estariam sujeitas ao assédio, pois a medida acaba por insinuar que homens em vagões mistos teriam "direito" a cometer crimes, e que a proteção deve ficar a cargo da vítima, e não do Estado. Essa política acaba por reforçar a ideia que nós mulheres sempre ouvimos ao relatar uma situação de violência: que estávamos no lugar errado, na hora errada, e que a culpa não é do agressor, mas nossa.

A recente pesquisa do IPEA "Tolerância social à violência contra a mulher" revela o quanto ainda é parte do senso comum em nossa sociedade a ideia de que as mulheres são culpadas pela violência que sofrem devido ao tipo de roupa ou lugar que frequentam. Esse projeto reforça tal imaginário, ao propor que, segregando as mulheres, elas estarão livres da violência.

A violência contra a mulher é uma das principais expressões do machismo e da dominação masculina. Ela reforça o pensamento de que as mulheres são objetos pertencentes aos homens, e que é natural sofrer violência em algum momento da vida. Na base dessa violência estão as desigualdades mantidas entre homens e mulheres na sociedade.

Um dos elementos que marcam essa desigualdade é o fato de a nossa sociedade considerar o espaço público como prioritariamente masculino, e o privado como feminino. À medida que as mulheres ocupam cada vez mais o espaço público, parte dos homens as enxerga como disponíveis - já que estão ocupando um espaço que não lhes pertence.

A violência no transporte público é um grande transtorno diário para milhares de mulheres. Falsas soluções, como a criação dos vagões especiais para mulheres nos trens e metrô e dos "ônibus rosa" não são capazes de garantir a segurança das mulheres. Com esses projetos, o espaço público é reforçado como território masculino.

Separar espaços não é solução. Mulheres e homens têm o direito de conviver nos espaços públicos. Os homens não abusam sexualmente e assediam as mulheres nos transportes porque possuem uma sexualidade incontrolável, mas porque estão acostumados a exercer a violência e o poder sobre as mulheres em todos os espaços.

Lembramos ainda que as mulheres representam 58% dos usuários do metrô. Portanto, parece lógico que, ao invés de isolá-las, é necessário que sejam tomadas medidas efetivas, de fato, para garantir às mulheres o direito de circularem no transporte público com segurança. Ao contrário disso, os vagões femininos apenas reiteram a lógica que ensina as mulheres a se protegerem, mas não ensinam os homens a nos respeitar.

Cabe ao Estado garantir proteção às vítimas, através de políticas de prevenção e punição. A aprovação de projetos eleitoreiros, votados na surdina, como é o caso do Projeto de Lei 175/2013, são entendidos por nós como oportunismo, como uma tentativa de mostrar serviço de forma falaciosa e ineficiente.

A medida ainda abre precedentes para casos de discriminação homofóbica e transfóbica no transporte público, atentando gravemente também contra o direito das pessoas de ir e vir.

Consideramos, afinal, que o PL 175/2013 não contribui para o combate à violência contra a mulher e para afirmação dos nossos direitos.

As nossas propostas já foram apresentadas ao poder público. Entre elas estão:

- a utilização de câmeras nos vagões de metrô e trens e nos ônibus, para que as mulheres possam reconhecer seus assediadores;
- a realização de campanhas contra o assédio sexual no sistema televisivo de ônibus, metrô e trens para fortalecer sua prevenção;
- a criação de campanhas que orientem as mulheres sobre seus direitos, sobre como se defender, além de campanhas que possam constranger os agressores;
- a criação de canais para facilitar a denúncia, como por meio de envio de mensagens de celular;
- a formação adequada aos funcionários para atendimento das vítimas;
- a iluminação em pontos de ônibus e pontos em lugares com circulação;
- o garantia do transporte de qualidade como direito de todas, combatendo a superlotação.

Separando as mulheres, seremos coniventes com o machismo e o exercício da violência.

Nós mulheres queremos estar em todos os lugares, ser respeitadas e viver sem violência.

Não à criação de vagões rosas!

Não à segregação espacial entre homens e mulheres!

Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres!

*Marcha Mundial das Mulheres São Paulo
11 de Julho de 2014*

Usuários apoiam criação de vagão exclusivo para mulheres em trem e metrô

(R7, 14/07/2014) Destinar um vagão só para mulheres como forma de evitar e diminuir o assédio sexual cometido durante as viagens e a ação dos chamados **“encoxadores” nos trens e no metrô**. A proposta, **aprovada pelos deputados estaduais** de São Paulo no dia 3 de julho, ainda não é lei e, mesmo pregando a separação de gêneros em um momento de luta por igualdade, já tem o aval da maior parte dos entrevistados pelo **R7**.

A reportagem percorreu estações de metrô e da CPTM na última terça-feira (8). A estudante Caroline de Oliveira Macedo, 21 anos, acha que a medida pode trazer melhorias.

— O metrô está tão lotado e o pessoal aproveita para ficar encostando. É desagradável para a mulher, mesmo quando o cara não tem maldade. Se não ocorresse tanto abuso, essa medida não seria necessária.

Rebeca Capelupo, 20 anos, também concorda com a criação do vagão.

— Quando pegamos o metrô, somos apertadas e empurradas na lotação, mesmo quando é sem querer.

Para a estudante Isabely Marcomini, 22 anos, a quantidade de abusos nos vagões vai ser reduzida caso a medida venha a ser aprovada.

Se o governador Geraldo Alckmin (PSDB) sancionar a lei, o “vagão rosa”, como é informalmente chamado, será obrigatório em pelo menos um trecho das composições administradas pela CPTM e pelo Metrô. O projeto não passou por audiência pública, mas o autor do texto, o deputado Jorge Caruso (PMDB), acredita que a proposta será bem recebida pela população.

— Não recebemos queixas de entidades interessadas. Nos baseamos na repercussão das matérias jornalísticas sobre o tema nos últimos meses.

A recepcionista Sandra Rosa, de 30 anos, destoa do otimismo de Caruso.

— Acho esse vagão uma medida ridícula. É o homem quem tem se controlar, e não as mulheres serem excluídas.

A estudante Cinthya Silva, 23 anos, lembra que a medida já é aplicada na Índia, mas afirma que ela não trouxe benefícios às mulheres.

— Lá, a violência contra a mulher continua bem perceptível. Essa medida vai segregá-las ainda mais e não vai fazer com que os homens passem a respeitá-las.

A cena se repete diariamente: paulistanos se apertam para entrar no metrô e nos trens e, uma vez dentro, fazem uma viagem desconfortável, amontoados. Para algumas mulheres, o vagão

exclusivo vai trazer segurança, como afirma a auxiliar de empresa Hilda Maria da Silva, 49 anos.

— Não vai ter mais a situação de os homens se aproveitarem que o vagão está lotado para abusar das mulheres.

A auxiliar administrativa Edileia Silva, 28 anos, também acredita que a viagem será mais segura. Ela diz ter presenciado um homem ser levado pelo guarda da CPTM porque assediou uma menina na frente da própria mãe.

O texto do projeto de lei diz que os meninos acompanhados por mulheres poderão viajar nos vagões exclusivos. Aos sábados, domingos e feriados, o uso ficará livre.

A atendente de lanchonete Hosana da Silva Rosa, 31 anos, vê vantagens, mas lembra que a medida tende a segregar.

— É bom, porque infelizmente tem muitos homens que não respeitam as mulheres. Porém, ao mesmo tempo, você cria uma sociedade separatista, e esse vagão não vai ser suficiente para tanta mulher.

A medida também é apoiada por homens, a exemplo do operador de produção Paulo Eduardo de Freitas, 32 anos, que usa trem e metrô.

— O vagão está cheio, apertado, e os homens se aproveitam da situação. A mulher não tem para onde correr.

Para a secretária Isabel Graciano, 29 anos, a medida impede o desrespeito.

— A maioria dos usuários é homem, e nem todos respeitam as mulheres.

Experiência no Rio

A estratégia pensada para São Paulo segue a experiência do Metrô do Rio de Janeiro, que reserva vagões para mulheres nos horários de pico. A analista financeira Michelle Guimarães, 32 anos, morava na capital fluminense e usava o vagão exclusivo.

— Era uma viagem mais tranquila.

A assistente de recursos humanos Camila Molinari, 27 anos, também usou o vagão no Rio.

— Acho uma boa. Óbvio que tem que haver punição para quem assediar a mulher. Não é uma forma de segregação, mas, sim, uma medida para solucionar um problema que existe.

Por meio de nota, a assessoria de imprensa do Metrô declarou que a medida “infringe o direito de igualdade entre gêneros à livre mobilidade”.

Acesse no site de origem: [Usuários apoiam vagão exclusivo para mulheres em trem e metrô \(R7, 14/07,2014\)](#)

'Vagão rosa' em trens e metrô divide feministas

(Folha de S.Paulo, 12/07/2014) Grupos feministas de São Paulo estão divididos sobre o "vagão rosa", que é exclusivo para mulheres no metrô e nos trens da CPTM.

Criada pelo deputado Jorge Caruso (PMDB), a medida foi aprovada na Assembleia no dia 4 para proteger as mulheres de abusos sexuais no transporte superlotado.

Leia mais:

[Nota da MMM contra o vagão rosa: pelo direito ao espaço público e a uma vida livre de violência](#)

[Usuários apoiam vagão exclusivo para mulheres em trem e metrô \(R7, 14/07/2014\)](#)

["Retrocessos disfarçados", diz criadora do projeto Eu Não Mereço Ser Estuprada sobre vagão feminino no metrô \(Revista Donna, 11/07/2014\)](#)

[Cinco alternativas ao vagão para mulheres \(Outras Palavras, 10/07/2014\)](#)

[Segregação em trens e metrô 'culpabiliza' mulher por assédio \(Rede Brasil Atual, 09/09/2014\)](#)

[Assédio sexual no transporte público poderá ser punido com prisão \(Agência Câmara, 07/07/2014\)](#)

O governo afirma estar estudando o projeto, que deve ser vetado ou aprovado pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB) nos próximos dias.

A estudante Giulia Ribeiro, 18, do grupo Tática Feminista, se diz totalmente contra o vagão, pois ele "aumenta a segregação entre os gêneros".

"E os estupradores podem fazer suas viagens livremente sem serem culpabilizados", completa.

Militante da Marcha Mundial das Mulheres, Sonia Coelho, 55, também reprova.

"Ele reforça o imaginário de que a mulher é culpada pela violência que sofre. Quem for agredida em outro vagão, que não o exclusivo, pode ser questionada sobre o motivo de não estar na parte das mulheres."

A estudante de letras Isadora Szklo, 21, e militante do grupo "RUA - Juventude Anticapitalista", também se posicionou contra o vagão feminino. "Existem formas simples e imediatas de diminuir os casos de agressão de forma educativa, como capacitar agentes e seguranças do metrô sobre as causas de assédio e criação de um órgão presente em todas as estações para denúncia", diz ela.

Já a estudante da USP Letícia Pinho, 26, do Mulheres em Luta, diz que o vagão não resolve o problema do assédio, mas seria uma medida protetiva importante -o coletivo já distribuiu, em estações da Grande São Paulo, alfinetes para mulheres se defenderem dos "encaxadores".

“A superlotação deixa a mulher mais vulnerável. Já que o transporte de qualidade está demorando, a gente precisa do mínimo de segurança urgentemente”, diz.

O Juntas, grupo feminista ligado ao PSOL, se posicionou a favor da medida.

“Sou a favor porque tenho a impressão de que a população é favorável. Acho que falta ao movimento feminista ouvir mais as mulheres que enfrentam o transporte lotado todos os dias”, argumenta Giulia Tadini, 24, militante do movimento.

Pesquisa do Datafolha feita em abril apontou que 73% dos paulistanos se revelaram favoráveis ao “vagão rosa”.

A vendedora Carolina do Nascimento, 19, aprova. “Seria ótimo. Já briguei com um rapaz que me apertou”, diz ela, que usa trem e metrô nos horários de pico.

Um protesto contra o “vagão rosa” está programado para o próximo dia 18, na praça da Sé. Cerca de mil pessoas já confirmaram presença na rede social Facebook.



Vagão exclusivo para mulheres funciona desde 2006 no Rio de Janeiro; proposta é para coibir assédio sexual nos horários de pico Alexandre Campbell - 24.abr.2006/Folhapress

RIO

O vagão para mulheres existe no Distrito Federal desde 2013 e no Rio, desde 2006.

No Rio, uma lei estadual obriga as concessionárias a destinarem vagões femininos nos horários

de pico. A lei não determina, porém, punição em caso de descumprimento.

Segundo a concessionária MetrôRio, o passageiro identificado é convidado pelas seguranças a se retirar.

Tanto a MetrôRio quanto a SuperVia, que administra os trens urbanos do Rio, investem em campanhas de conscientização.

Os esforços, contudo, não impedem que homens descumpram a medida. De acordo com relatório da Agetransp, a agência reguladora dos transportes do Estado, em cerca de 200 vistorias feitas em janeiro nos vagões femininos no metrô, foi registrada a presença masculina em 3,05% das vezes.

Já nos trens da SuperVia, a situação é pior. Dos 1.612 vagões inspecionados em janeiro, havia homens em pelo menos 50% dos casos. O ramal de Japeri, cidade da Baixada Fluminense, registrou o maior percentual: em quase 80% das inspeções havia homens nos vagões exclusivos.

*

Dúvidas sobre o “vagão rosa”

Entenda o projeto de lei aprovado na semana passada.

O que é?

A proposta prevê a criação de um vagão só para mulheres em cada trem do Metrô e da CPTM, com o objetivo de evitar casos de abuso sexual.

Quem é a favor?

Grupos como o Movimento Mulheres em Luta (ligado à CSP-Conlutas) e o Juntas (ligado ao PSOL) defendem que o vagão diminui assédios e agressões.

Quem é contra?

Grupos autônomos como a Marcha Mundial das Mulheres e o Tática Feminista defendem que o vagão aumenta a segregação e culpabiliza as mulheres pelos ataques.

Acesse o PDF: [‘Vagão rosa’ em trens e metrô divide feministas](#)

“Retrocesso disfarçado”, diz criadora do projeto Eu Não Mereço Ser Estuprada sobre vagão feminino no metrô

(Revista Donna, 11/07/2014) Não é raro ouvir casos de mulheres que foram assediadas enquanto viajavam no **transporte público**. Vai desde a mão boba - que de inocente não tem nada -, passa pela encoxada e segue até casos mais graves, como o universitário que tentou estuprar uma mulher dentro de um trem em São Paulo, em março deste ano. Segundo relatos da polícia, Adailton Aquino dos Santos entrou no vagão mais lotado e “colou” na vítima, que foi ameaçada com uma faca. Durante o ataque, a ação foi vista por passageiros que estavam próximos - e o suspeito acabou preso. Mas e quem não consegue se defender ou pedir ajuda a tempo?

Foi para prevenir outros abusos dentro dos coletivos que a Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) aprovou uma lei que obriga as empresas a criarem o chamado “**vagão rosa**”, destinado ao uso exclusivo das mulheres. O projeto de lei 175/300, de autoria do deputado Jorge Caruso (PMDB), tem até a próxima semana para ser avaliado pelo governador paulista Geraldo Alckmin, que decide se sanciona ou veta. Mas a solução não tem agradado as principais envolvidas.

- O vagão exclusivo é um retrocesso disfarçado de progresso. Em vez de educar os homens para não abusar e proteger as mulheres com segurança e disque-denúncia, o poder público obriga as mulheres a ficarem enjauladas - classifica a jornalista **Nana Queiroz**, criadora do movimento **Eu Não Mereço Ser Estuprada**.

Com apoio de cantoras como **Valesca Popozuda** e **Daniela Mercury**, a campanha nasceu depois que o Instituto de Política Econômica e Aplicada (Ipea) revelou que 65% dos brasileiros acham que mulheres que usam roupas curtas merecem ser atacadas. Os dados da pesquisa foram corrigidos depois: na verdade, o total seria de 26% - percentual menor, mas nem por isso menos alarmante. Foi em meio às manifestações de repúdio nas redes sociais que a Nana convocou o protesto através da hashtag **#EuNãoMereçoSerEstuprada**. Desde março, foram mais de 5 mil participações somente no Instagram.

Também no Facebook, a página **Vagão rosa NÃO é a solução** reúne artigos que rejeitam a medida e a classificam como segregacionista e excludente. Para tentar frear o projeto em São Paulo, está programado um **protesto** para a próxima sexta-feira, 18 de julho, na Praça da Sé. Até o momento, já são mais de 2,4 mil pessoas confirmadas.

- Nosso direito de ir e vir não deveria ser restrito quando homens e mulheres são cidadãos iguais perante a lei. Sabemos que a superlotação continuará, pois o problema está na qualidade do transporte público; sabemos, também, que os assédios não serão evitados, pois experiências com o “vagão rosa” em outros estados mostram como é difícil a fiscalização dos mesmos; sabemos, também, por essas experiências, que o “vagão rosa” não contempla, na prática, as mulheres transexuais e as mulheres de aparência menos feminina; sabemos, principalmente, que somos a maioria da população no transporte público e que, portanto, não faz sentido que os vagões sejam destinados a nós, ao invés de, por exemplo, serem destinados

aos homens, cujos atos criminosos ameaçam a integridade física e psicológica de crianças, mulheres jovens e idosas cotidianamente. Reforçamos que o “vagão rosa” é uma medida de segregação vergonhosa para um país que, há poucos meses, se chocou com os dados do Ipea divulgados pela pesquisa “Tolerância social à violência contra as mulheres”. No imaginário social, as mulheres ainda são culpadas pelas agressões que sofrem, o que leva as vítimas ao constrangimento e medo de denunciar – defendem os organizadores na página do evento.

Há sete anos, as cariocas contam com o vagão exclusivo no metrô, prática que também foi adotada no Distrito Federal. A medida também já está presente em países como Japão, Egito, Índia, Irã, Indonésia, Filipinas, México, Malásia e Dubai.

Acesse no site de origem: [*“Retrocesso disfarçado”, diz criadora do projeto Eu Não Mereço Ser Estuprada sobre vagão feminino no metrô \(Revista Donna, 11/07/2014\)*](#)

Cinco alternativas ao vagão para mulheres

(Outras Palavras, 10/07/2014) A Assembléia Legislativa de São Paulo, como muitas de nós feministas havíamos previsto, aprovou o projeto de lei (PL) que institui um – um único – vagão exclusivo para mulheres nos trens da CPTM e no metrô. Se o governador Geraldo Alckmin não vetar o PL, essa prática será instituída na capital e nas demais cidades do estado que possuem transportes sobre trilhos. Já cansei minha beleza explicando porque conceitualmente essa medida é problemática se desejamos pensar um mundo em que haja igualdade de gênero. Mesmo se ela for temporária ou paliativa. Quem perdeu, pode ler [*O vagão das mulheres só anda para trás*](#), ou [*Assédio: por que as explicações fáceis não satisfazem*](#). Não desejo retomar esses argumentos: meu pensamento a respeito permanece o mesmo.

No entanto, há um terceiro aspecto da crítica ao vagão exclusivo que ainda me deixa bem insatisfeita nos debates via web, em mesas de bares ou eventos de movimentos sociais e partidos para discutir o assunto. A pergunta que não quer calar é: “ok, então em vez do vagão exclusivo, o que podemos fazer a curto e médio prazo, para lidar com esse problema tão latente”?

Nenhuma solução é mágica, claro, mas defendo que há pelo menos cinco ações mais eficazes do que os vagões exclusivos. Nenhuma delas vai acabar com a ocorrência desse tipo de problema – sinto informar, mas não existe nada a curto prazo que o faça, nem os vagões exclusivos. Meu ponto aqui é outro: por que limitarmos a liberdade das mulheres nos espaços públicos quando elas são as reais vítimas da situação? Ao menos enquanto não erradicamos a desigualdade de gênero, me parece mais produtivo pensar em maneiras de lidar com essas vítimas que ficam sempre desamparadas do que fingir que o assédio vai deixar de existir com os vagões exclusivos. Algumas ideias nesse sentido:

1) Fale com ela(s)

Falar sobre a experiência de assédio com mulheres que também passaram por isso é uma maneira eficaz de retomar o poder sobre nossos corpos. Ao guardar a experiência individual

apenas na memória, não a elaboramos, e deixamos que ela se aposse de nós. Trocando experiências e histórias, percebemos coisas em comum, pontos divergentes, e começamos a compreender que o assédio não foi nossa culpa, que há uma prática mais disseminada e que não é nada pessoalmente errado conosco. Escutar outras mulheres e contar sua própria história é uma ferramenta poderosa para sair da posição vitimizada que ser assediada nos impõe.

Existem algumas ferramentas interessantes para isso. O mapa e aplicativo [Chega de Fiu-Fiu](#), por exemplo, tem sido usado por várias mulheres para compartilhar histórias de assédio em espaços públicos. Ali você pode relatar seu caso ou ler outros casos já postados.

Talvez a melhor maneira, porém, seja criarmos grupos de apoio. Círculos de conversa entre mulheres que se pautem por esse tema: ser mulher na rua, no espaço público. O que vivemos cotidianamente sendo mulheres no espaço público? Como é a experiência de cada uma? Os casos de assédio são uma entre diversas barreiras que enfrentamos todos os dias simplesmente por sairmos de casa. Há muito o que ser conversado, e é possível eleger temas específicos para encontros regados a uma boa cerveja com amigas próximas, vizinhas, conhecidas.

2) Segurança feminina nos vagões

Outra medida possível e nem tão trabalhosa, a curtíssimo prazo, seria instituir segurança feminina nos vagões (ou a cada x vagões). Essas agentes atuariam dando apoio imediato a mulheres que as procurassem ainda dentro dos trens, mas sua presença também pode funcionar intimidando a ocorrência de assédio. Há muitas maneiras possíveis de se pensar nesse tipo de segurança feminina. Essas agentes seriam responsáveis por atendimento às mulheres, e não operariam como seguranças de patrimônio ou seguranças regulares do metrô.

3) Atendimento qualificado às vítimas

Um dos problemas mais graves do assédio é o desamparo a que são relegadas as vítimas. Num país que fetichiza a cadeia e a “punição” (Ler [Cadeia, o fetiche social do Brasil](#)), como se essas medidas resolvessem a ocorrência de crimes e problemas pelo exemplo, a primeira reação das pessoas é concentrar energia em ir atrás do assediador. Nisso, as vítimas são abandonadas. É como se a pessoa que causa o trauma fosse um problema social, coletivo, mas a pessoa que sofre o trauma fosse condenada permanentemente a lidar com ele em sua individualidade. Sempre que se trata de questões ligadas às mulheres é assim que funciona: os casos de aborto legal e da portaria 415 (Ler [A nova trama das bancadas fundamentalistas](#)), gravidezes indesejadas, entre outros, reproduzem o mesmo esquema de pensamento.

Que tal se, desta vez, oferecêssemos apoio real, duradouro e imediato às vítimas?

Além dos grupos de apoio que podem funcionar num nível privado, é preciso haver estrutura de apoio em toda e cada estação do metrô e da CPTM. Essa estrutura pode compreender médicas, psicólogas, assistentes sociais e outras profissionais – mulheres – treinadas para lidar com a questão. Além disso, é preciso que os cuidados com a vítima extrapolem o momento em que ela sofre o assédio. Isso por ser elaborado por meio de parcerias com ONGs e outras instituições sem fins lucrativos, mas idealmente seria um sistema de cuidados integrado ao SUS. Já há uma série de estruturas e equipes capazes de lidar com isso de maneira competente e me parece que elas devam ser aproveitadas.

4) Atendimento legal e jurídico

Além do apoio médico, psicológico e social, é importante que toda estação de metrô tenha também oferta de apoio legal e jurídico. Isso por ser feito com postos avançados de delegacias da mulher, por exemplo. Com o registro imediato e desburocratizado das ocorrências de assédio, a vítima se sente mais amparada e tornamos possível construir estatísticas mais confiáveis sobre a questão. O aconselhamento legal também poderia ser feito em postos desse tipo, tão logo a vítima deseje recebê-lo.

5) Conversa de homem para homem

Parece um pouco bobo, aos meus olhos, ignorar que há um lado da história que precisa ser trabalhado com certa urgência: os homens. A prática de qualquer tipo de assédio está ligada a uma ideia de masculinidade que cada vez mais é colocada em xeque (ainda bem! e viva o feminismo!). Muitos homens já questionam essa espécie de exigência de gênero mas ainda têm receio ou dificuldades para enfrentá-la quando ela se coloca no dia-a-dia. Como homem, questionar e repreender outros homens por esse tipo de prática é uma grande contribuição com a luta pela liberdade das mulheres. Notem, porém, que isso não significa linchamento público, violência física, nem nada parecido. Apenas conversar com os homens ao seu redor sobre o assunto já é um começo. O assédio não pode ser tratado como um problema distante, das mulheres (“do outro”), se metade dos teus amigos são algozes desse tipo horrível de trauma causado a tantas de nós. É uma questão que está mais próxima do que você imagina, provavelmente ao seu alcance em algum momento. Basta estar atento.

Acesse no site de origem: [Cinco alternativas ao vagão para mulheres \(Outras Palavras, 10/07/2014\)](#)

[Assembleia aprova vagão exclusivo para mulheres no metrô de São Paulo](#)

(Agência Brasil, 04/07/2014) A Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp) aprovou ontem (3) o projeto de lei que obriga a Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) e o Metrô a reservar espaço exclusivo para mulheres, o chamado vagão rosa.

Leia também: [Por que o vagão rosa é um retrocesso e não uma solução para as mulheres](#)

Saiba Mais

[Mulheres vítimas de assédio no transporte público reclamam de humilhação](#)
[Vagões só para mulheres já foram testados em SP, sem sucesso](#)

No começo deste ano, a Delegacia de Polícia do Metropolitano (Delpom) prendeu pelo menos 33 homens que se aproveitavam da superlotação nesses meios de transporte para abusar de passageiras.



Metrô do Distrito Federal tem vagão exclusivo para mulheres (Foto: Fábio Pozzebom/AgBrasil)

O metrô da cidade já conta com um vagão exclusivo para mulheres. Conhecido como Vagão Rosa, a maioria das usuárias disse se sentir mais segura contra abusos sexuais.

O Projeto de Lei 175/2013, de autoria do deputado Jorge Caruso (PMDB), precisa ainda ser sancionado pelo governador do estado, Geraldo Alckmin, para entrar em vigor.

Pela proposta aprovada, o trem e o metrô devem destinar um vagão em cada composição para as mulheres. O vagão rosa funcionaria diariamente, exceto fins de semana e feriados.

Caso a lei seja sancionada, trem e metrô terão prazo de 90 dias para cumprir as normas, sob pena de pagamento de multa.

Fernanda Cruz - Repórter da Agência Brasil

Acesse no site de origem: [Assembleia aprova vagão exclusivo para mulheres no metrô de São Paulo \(Agência Brasil - 04/07/2014\)](#)

Veja também:

[Vagão para mulheres: segregar não é proteger \(CartaCapital - 07/07/2014\)](#)

[Deputados aprovam criação em SP de vagão exclusivo para mulheres \(Estadão.com - 04/07/2014\)](#)

[Assembleia de SP aprova vagão exclusivo para as mulheres \(Folha.com - 04/07/2014\)](#)

Por que o vagão rosa é um retrocesso e não uma solução para as mulheres

(Brasil Post, 04/07/2014) Em um mundo ideal, indivíduos não são “encoxadxs” no transporte público. Em um mundo ideal, as mulheres não são aconselhadas a não usar roupa curta para evitar um estupro. Em um mundo ideal, homens sabem desde pequenos que as mulheres são donas de seu próprio corpo e não existem para sua satisfação. Em um mundo ideal, as mulheres não são segregadas para evitar violência sexual.

São Paulo se distanciou um pouco mais de um lugar ideal nesta sexta-feira (04) quando sua Assembleia Legislativa aprovou a obrigatoriedade de vagão exclusivo para as mulheres, o chamado “vagão rosa”.



Mulheres no vagão rosa de Brasília | Fábio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil

Há quem comemore a decisão, quem diga que é um avanço no combate à violência contra a mulher, quem se sinta segura no vagão rosa e apoie a ideia, mas eu quero explicar neste texto por que eu sou contra essa decisão.

1) Segregar não é a solução. A solução, como em vários problemas sociais que vivemos, está na educação. Homens PRECISAM aprender que o corpo das mulheres não lhes pertence. É uma questão cultural que tem a ver com a forma como as mulheres são vistas (e se enxergam também) como objetos para satisfação masculina, com a cultura do estupro, com a ideia de que “aproveitar a oportunidade” de estar em um vagão lotado para “se dar bem e passar a mão na novinha”. E pior, achar que não é nada de mais ou que ela pediu porque estava de saia curta. Repeito e convivência pacífica, resumindo. Como a Marcha das Mulheres afirma:

“Consideramos esse projeto um grande problema, pois propõe que, para os homens pararem de assediar as mulheres no transporte, somos nós mulheres que devemos perder o direito de entrar em todos vagões e ônibus. É um problema porque somos 52% da população, e em São Paulo representamos 58% dos(as) usuários(as) dos serviços de transporte público.”

2) Pare de culpar a vítima. Se não houvesse mulheres no metrô não haveria encoxada, certo? ERRADO, óbvio. Mas é essa a mensagem que o vagão rosa passa. Como se as mulheres devessem ser separadas do “normal” - o que naturalmente evoca uma citação do clássico “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir. “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”, já dizia uma das mais famosas obras feministas. Importante frisar: eu não estou sugerindo a criação de um “vagão azul” para segregar os homens por causa disso (ou pelo fato de que somos maioria no metrô), isso seria simplesmente idiota. O que eu quero frisar é que o assédio é resultado da cultura do estupro tão evidenciada pela pesquisa do Ipea que foi duramente criticada e provocou o movimento #NãoMereçoSerEstuprada. Ninguém pede pra ser estuprada ou abusada em lugar nenhum porque ninguém tem o direito de invadir o espaço alheio. Separar a vítima do agressor é dar liberdade a ele. Como disse a socióloga Marília Moschkovich em um

artigo publicado na Carta Capital: “As mulheres, que sofrem as agressões, são confinadas a um espaço limitado. Quer dizer: além dos assédios que limitam nossa liberdade, as políticas públicas que deveriam combatê-los fazem o mesmo. Não faz o menor sentido, não tem a menor lógica. Para sermos livres precisamos ser menos livres - é isso, mesmo?”

3) Pênis > Cérebro? Separar homens de mulheres no espaço público pressupõe que os homens são incapazes de conter seu desejo sexual ao ver uma mulher. Veja se não é o monstro da cultura do estupro aparecendo aqui novamente? Nessa lógica, o homem se isenta da responsabilidade do assédio porque ele é incapaz de controlar seu órgão sexual. Tradução: impunidade.

4) Heteronormatividade. Agora vamos fingir que homens não abusam outros homens e mulheres não abusam mulheres? Cito outro trecho do texto da Marília: “Separar as mulheres dos homens no transporte público, além de tudo que já mencionei, ainda reforça essa ideia retrógrada e surreal de que a heterossexualidade e heteroafetividade são o “normal”, o “natural”, e de que relacionamentos gays e lésbicos são exceção, aberração, etc. Ou seja, no fim das contas, políticas como essa do vagão exclusivo estão muito mais para Marco Feliciano do que para Simone de Beauvoir.”

5) Ignorando todos os itens acima, o vagão rosa já mostrou que não funciona. Uma reportagem do Globo publicada no ano passado mostrou que homens usam o vagão rosa no Rio de Janeiro (onde já é lei desde 2006) porque não há fiscalização. “Eles entram e ainda querem bater boca com as mulheres que reclamam. Já vi situações revoltantes, de o carro ter vários homens sentados, uma mulher grávida entrar, e ninguém falar nada”, disse uma entrevistada pelo Globo. Procuradas pela reportagem, as empresas de transporte disseram que o desrespeito é um problema comportamental. Não brinca? Pois é exatamente o que eu disse acima. Não vai funcionar.

Antes dessa aprovação, a marca Dermacyd, em uma tentativa de se aproximar das suas clientes, fez uma campanha em prol do vagão rosa. A marca diz que os casos de assédio têm se tornado mais frequentes e violentos e, por isso, precisam ter um fim rapidamente, porque “as mulheres que vão voltar para casa no fim do dia de hoje não podem esperar a solução definitiva”. E vão sair do vagão rosa para correr o risco de serem assediadas no brete corredor do metrô, na rua, a caminho de casa, talvez até na própria casa? Não sei vocês, mas esse definitivamente não é o caminho que eu quero seguir para avançarmos no combate à violência contra a mulher. E não digo isso somente como mulher... Penso que a decisão da Assembleia de São Paulo marca uma falha nossa como sociedade.

Gabriela Loureiro, repórter de mundo do Brasil Post

Acesse o site de origem: [Por que o vagão rosa é um retrocesso e não uma solução para as mulheres](#)